

132

ap.º 1965

1

**BOLETIM
INFORMATIVO**

**PUBLICAÇÃO DA
EN DE JUC**

razões

ao iniciarmos a publicação mensal deste informativo, gostaríamos de, rapidamente, apresentá-lo e justificá-lo.

talvez a necessidade fundamental que nos fez ver a urgência e oportunidade de tal tipo de publicação, tenha sido a questão da unidade dentro do movimento. Não que ela não exista ou seja deficiente, pelo contrário, a sua existência é quase milagrosa, uma vez que é conseguida em apenas alguns encontros esparsos. ela é um fato que nos conduz à uma série de reflexões sobre o corpo místico e à uma atitude de humildade diante do movimento. ora, nessa ordem de considerações pareceu-nos conveniente que essa mesma unidade se tornasse sensível e que assumisse um certo caráter pedagógico dentro do movimento, uma vez que, no informativo, este surgiria com toda a sua riqueza, e a sua diversidade vital dentro da unidade se mostraria com uma evidência prenhe de consequências em termos de reflexão e ação.

desta maneira, o informativo comportará contribuições de todas as regiões, bem como dos centros, que deverão antes enviá-las à sua ER, das EPs, do secretariado latino americano e do secretariado geral. por outro lado, informará, na medida do pos

sível e das necessidades, as atividades e programações das diversas ERs, EPs, EDs, etc.

evidentemente, a equipe esperam gestões e sobretudo críticas, uma vez que a iniciativa que tomamos comporta uma certa novidade e, por isso mesmo, uma certa margem de risco quanto à sua eficácia, o que nos deixa um pouco ansiosos por críticas e sugestões. quanto à circulação do informativo, cremos ser desnecessário frisar o caráter interno da mesma. finalizando esta introdução, gostaríamos também de fazer uma ressalva sobre a ausência neste primeiro número, que poderia parecer imperdável à algumas regiões, de um texto sobre método. Esta ausência é fecunda e devidamente considerada pela Equipe, pois no próximo número publicaremos não um mas três textos sobre método, nos quais se insistirá, respectivamente, nos aspectos doutrinal, pedagógico e estrutural.

realmente, tal preocupação é extremamente válida e urgente, principalmente se tivermos em mente que no último congresso nacional o movimento sentiu a necessidade de "parar" e pensar lucidamente a sua especificidade que é o método, justamente à luz da sua nova perspectiva que é a consciência histórica.

damos, a seguir, a composição da equipe nacional com a distribuição dos cargos, juntamente com as relações que cada um dos membros é responsável na equipe nacional.

paulo henriques zorio coelho (centro oeste)

- coordenação nacional
região-nordeste

- lourdes maria coelho da costa (nordeste)
relações exteriores
regiões-sudeste e norte

- paulo eduardo arantes (são paulo)
secretariado nacional de educação e cultura da cnbb
coordenação das equipes piloto
regiões-centro-oeste e extremo sul

- tiana bittencourt (centro oeste)
coordenação política
regiões-sul e nordeste

- pedro paulo paiva chaves (sudeste)
tesouraria e coordenação política
região-são paulo

contamos, como assistente da equipe, sua excelência Dom Cândido Padin digníssimo bispo assistente nacional da ação católica.

O CONSELHO DE ARACAJU

(Palavras do Assistente Nacional)

Foi com grande ansiedade que aguardei a realização deste Conselho. Nêle esperava completar a visão do conjunto da JUC, que iniciara desde agosto findo. Visão de conjunto que só poderia obter com segurança, depois de um contato direto com as principais equipes das várias regiões. Sempre considereei incompleto e, frequentemente, artificial o conhecimento que se tem de grupos humanos através de informações obtidas de terceiros, mesmo fidedignas. Principalmente quando são informações veiculadas por jornais ou revistas, da imprensa neutra ou mesmo católica. Nada substitui o contato de pessoa a pessoa, onde a sensibilidade humana pode apreender as variadas e delicadas facetas de cada personalidade. Muitas condenações injustas ou, pelo menos, precipitadas, poderiam ser evitadas mediante o diálogo paciente e fraterno.

Depois de participar, em outubro, do encontro nacional dos Assistentes de JUC e, agora, do Conselho Nacional do movimento, posso afirmar que conheço a JUC do Brasil. Tenho a satisfação de dizer que encontrei nos jucistas, de modo geral, um verdadeiro desejo do encontro com Deus, embora dentro de todas as limitações da fragilidade humana. E, principalmente, um intenso desejo do encontro com o Cristo no irmão desamparado.

Os estudos e debates em torno do principal tema que aqui nos ocupou - "Sentido do movimento" - bem demonstraram que esse desejo dos jucistas se concretiza por uma integração na Igreja, comunidade de salvação, e que a JUC não quer ser outra coisa senão a presença da Igreja no meio universitário. O jucista é aquele que se compromete com a Igreja, não com a JUC. Que sente, por isso mesmo, que o seu compromisso o torna responsável por todo o Corpo de Cristo durante sua vida inteira, mesmo depois do curso universitário.

Julgo poder, agora, desfazer as incompreensões e os arrefecimentos havidos em relação à JUC. Não por uma atitude ingênua de róseos elogios, desconhecendo as deficiências existentes e as revisões necessárias. Mas, pela afirmação de que está bem acesa nos jucistas a consciência da necessidade de uma permanente revisão para que se mantenham a fidelidade e a autenticidade do movimento. Falhas, efetivas ou em potencial, todos nós as carregamos. O que importa não é estar sujeito a elas, mas dispor-se a superá-las. Um movimento marcado pela

sinceridade e lealdade, nada deve temer, a não ser a tolice de um dia julgar-se perfeito. O princípio vale também para os que se especializaram em combater a JUC, assumindo a frágil posição de únicos senhores da verdade e da perfeição.

É necessário reafirmar-se as esperanças da Igreja na JUC. Perfeita ou imperfeitamente, ela já criou no meio universitário um respeito pela posição cristã e, principalmente, por um cristianismo que se mostra capaz de responder às necessidades de um mundo em transformação, como o que estamos vivendo. Qual outro movimento da Igreja que possa apresentar uma constante penetração no meio universitário? Graças que os métodos da JUC mostram-se os mais adequados a essa penetração.

Mas, cabe à JUC contribuir para que se mantenha a confiança e a esperança da Igreja em sua atuação. Para guardar a autenticidade da sua missão, deverá manter uma nitidez de pensamento e de atitudes. Não pode o jucista contentar-se com idéias superficiais ou inseguras, pois seria uma traição ao Verbo de Deus, que nEle se encarna pela palavra do Cristo transmitida pela Igreja. Nem pode permitir-se atitudes dúbias ou equívocas, pois seria uma traição ao Cristo que Ele representa para o meio universitário. Os que esperam pelo aparecimento de um sinal, não podem ser decepcionados por um falso sinal. E o cristão é o sinal da presença do Cristo no meio.

Como comunidade de salvação, a JUC quer ser uma fonte que irradia a mensagem salvífica do Evangelho. Quer ser um levedo que fermenta o meio universitário de modo a torná-lo um instrumento para a formação da convivência humana numa convivência de filhos de Deus.

É claro que essa fermentação tem suas implicações humanas e temporais. A mensagem do Evangelho foi oferecida a homens que vivem na terra e não nas nuvens. Se não temos morada permanente aqui, é certo que a boa construção e arrumação desta prepara-nos a eterna, na intimidade do Deus trino. Contudo, a própria natureza transitória dos problemas temporais, exige variedade e flexibilidade das soluções, na medida em que são diversificadas as circunstâncias de tempo e de espaço. As posições ideológicas, portanto, enquanto posições programáticas para soluções concretas de problemas temporais, são relativas e transitórias, válidas na medida em que respondem à realidade de determinados momentos históricos. A transcendência do Cristianismo não lhe permite, portanto, identificar-se com nenhuma ideologia. Absurdo seria que a Igreja, ou qualquer setor da Ação Católica, formulasse um determinado programa ideológico e impusesse a sua adoção a todos os seus

membros. Há, para o cristão, liberdade de opções nesse terreno, respeitados os princípios fundamentais definidos pela Igreja.

Não há liberdade, porém para a omissão. O cristão é responsável pelos seus irmãos, pelo seu povo. Não pode negar sua colaboração para que seu país se organize de modo a permitir o exercício dos direitos humanos para todos indistintamente. E o juicista, como futuro profissional, faltaria à sua missão se não oferecesse a colaboração que lhe cabe. Quando assume, porém, posições definidas para soluções temporais, já não o faz em nome da JUC, mas no exercício do seu direito e dever de cidadão, inspirado pela mensagem evangélica. E, assim como pede o respeito à sua opção, respeitará as opções de outros, embora tendo razões para delas divergir.

A vivência de um espírito comunitário autêntico, pelo qual todos se amam e respeitam mutuamente, será a marca distintiva do movimento. Vida comunitária nas equipes de base e de direção, entre militantes e Assistentes, refletindo a comunidade de toda a Igreja. Comunidade vivificada pela presença do Cristo, através dos ministros que o representam: o Papa e o Bispo. Dentro dessa unidade e desse espírito, a JUC será a melhor frutificação da Igreja no meio universitário.

+ Cândido Padin O.S.B.
Assistente Geral da A.C.B.

esquema de classes e seto- res constitutivos

no encontro regional de são paulo, em janeiro último, foi apresentado o tema socialismo, capitalismo, cristianismo - correntes filosóficas e implicações sociológicas no brasil contemporâneo.

dêste tema tiramos o esquema de classes e setores constitutivos, por nos parecer extremamente valioso como instrumento de apreensão imediata e mesmo global da estrutura atual da realidade brasileira.

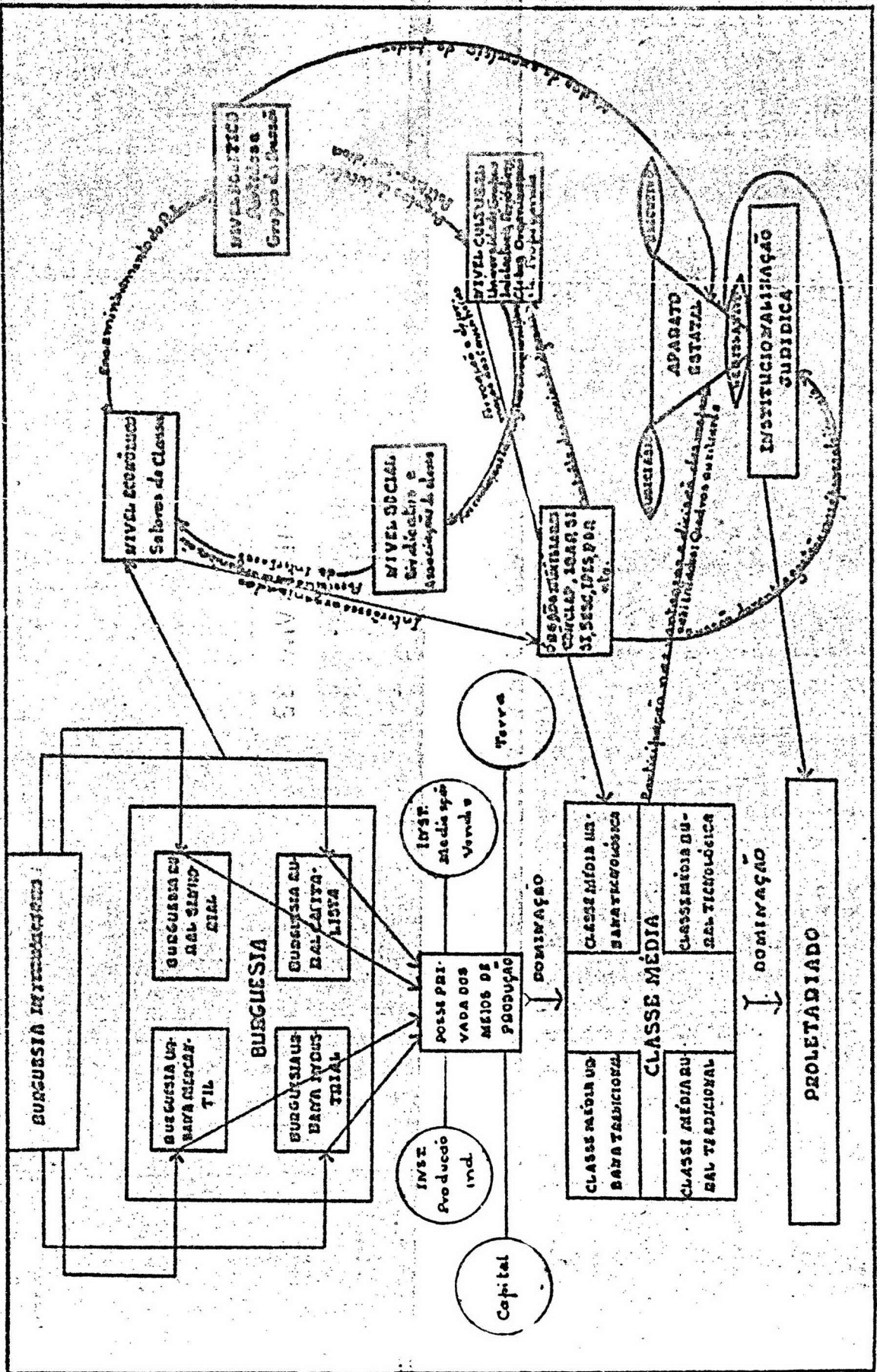
juntamente com o gráfico, consta do esquema uma série de definições, que nada mais são do que as regras do jogo ou, mais precisamente, conceitos com um caráter operativo acentuado na antologia do polo que mantém o "status" do país.

evidentemente, quando se apresentou tal esquema no encontro regional, não se tentou absolutamente dar-lhe um caráter de exaustão da realidade, que ele realmente não possui e mesmo não postula.

pedimos, apenas, que se note a abordagem muito feliz do processo de causalção "circular" que se realiza na interação dos diversos níveis, conforme se vê no gráfico.

limitamo-nos somente à apresentação do esquema sem maiores comentários, convidando todos a um estudo sério do mesmo, à uma crítica lúcida de seus méritos e limitações, procurando traduzir sempre os frutos dessa reflexão em termos de ação politizante concreta e de conversão.

parece-nos, também, oportuno advertir o militante de que não faça uma transposição pouco crítica do caráter um tanto estático, que se procurou, precariamente, captar com o esquema, a qual é essencialmente dinâmica e em estado permanente de tensão pre-revolucionária.



definições, conceitos e constatações
fins

1. enriquecimento : aspiração de rápida e menos custosa obtenção de maior volume de riqueza possível (renda, acumulação de bens de consumo, posição social elevada de acôrdo com os padrões existentes)

2. status tradicional: aspiração à manutenção de certa forma de comportamento vinculada ao estado social dominante no país colonial e ao "status quo".

define-se:

- a) postulando realizar um ideal de nobreza fundado na intrínseca superioridade dos que desfrutam daquele "status" e que adotam suas normas de conduta.
- b) postulando o fato de que implica em uma elite cultural e que se realiza só nas ocupações condizentes com esse status.
- c) postulando ser a expressão triunfante de privilégios acumulados e conquistados tradicionalmente.

3. redistribuição de rendas

: aspiração própria dos proletários que se consideram sub-remunerados, à uma redistribuição de rendas na maior porção compatível com a sua contribuição para a produção, sem prejuízo da contribuição em termos de poupança nacional.

4. desenvolvimento : aspiração da realização de algo socialmente criador ou produtivo, que contribua para aumentar a produtividade da comunidade e concilie:

- a) os interesses da sociedade e
- b) a vontade de realização e influência ou poder ou capacidade de consumo dos que se empenham no processo.

meios a usar ou admitidos

1a. livre iniciativa: aspiração ao regime institucional caracterizado pela plena liberdade de contrato e administra -

ção dos bens baseada no direito à propriedade privada.

2a. programação: ou planejamento; prévia determinação, por consenso social, dos objetivos determinados e dos meios que a comunidade se dispõe a empregar para atingi-los. É condizente com a livre iniciativa (que será peida) ou estatização.

3a. estatização: regime institucional caracterizado pela detenção por parte do estado, total ou majoritariamente, dos meios de produção e do poder de determinar seu emprego e de determinar sua administração. (admito variantes e nuances).

4a. moralização: implacável apuração e punição por parte de autoridades supostamente incorruptíveis e não afetadas pelos conflitos sociais, das violações das normas legais ou morais, tidas como causa de todos os males.

5a. burocratização: perversão da estatização e da programação, é a aspiração a entrega das atividades essenciais e entidades públicas aos seus trabalhadores através de um esquema de vantagens e seguranças que aufeririam, sem as responsabilidades ou com o mínimo delas.

6a. tradição: são os valores tradicionais.

caracterização dos componentes do gráfico

burguesia urbana

mercantil:

importadores, exportadores, atacadistas de gêneros alimentícios, banqueiros, financistas, rentistas, logistas (cadeias), distribuidores e revendedores da indústria nacional.

deseja: 1. - 1a.

admite: 2. - 4a.

repele: 3. - 3a.

burguesia urbana

industrial:

velha indústria extrativa e de transformação, nova indústria de transformação, indústria de base.

deseja: 4. - 2a.

admite: 1 e 3. - 3a. neo-capitalista

repele: 2. - 5a.

burguesia rural
senhorial :

usineiros, latifundiários monocultores, produtos de exportação, latifundiários da pecuária.
deseja: 2. - 6a.
admite: 1. - 1a. e 4a.
repele: 1. - 2a.

burguesia rural
capitalista:

lavoura de bens para consumo interno (alimentícios), lavoura vinculada à indústria nacional, invernistas, granjas, lavouras especializadas.
deseja: 1. - 1a.
admite: 4. - 2a.
repele: 3. - 3a.

classe média ur-
bana tradicional

burocracia estatal, forças armadas, profissionais liberais "bacharelescos", pequena burguesia mercantil.
deseja: 2. - 4a.
admite: 1. - 1a. e 5a.
repele: 4. - 2a.

classe média ur-
bana tecnológica
e gerencial:

técnicos, gerentes e executivos, liberais especializados, pequenos logistas especializados, profissionais de propaganda.
deseja: 4. - 2a.
admite: 1. e 3 - 3a. .
repele: 2. - 5a.

classe média ru-
ral tradicional:

pequena burguesia agrária.
deseja: 2. - 6a.
admite: 1. - 4a. e 1a.
repele: 4. - 2a.

classe média ru-
ral tecnológica
e gerencial:

técnicos agrícolas, gerentes executivos, liberais especialistas agrícolas.
deseja: 4. - 2a.
admite: 3. - 3a.
repele: 2. - 6a.

proletariado urbano

burocrático:

marítimos, portuários, ferroviários, empregado
estatal,
deseja: 2. - 3a.
admite: 3. - 3a.
repele: 4. - 2a.

proletariado urbano

tecnológico:

industrial.
deseja: 3. - 2a.
admite: 4. - 3a.
repele: 1. - 1a.

proletariado rural

de economia natural:

da economia de subsistência, do antigo colono,
deseja: 3. - 3a.
admite: 4. - 2a.
repele: 2. - 6a.

proletariado rural

assalariado:

operários agrícolas.
deseja: 3. - 3a.
admite: 4. - 2a.
repele: 2. - 6a.

TEMÁRIO DE MEDITAÇÕES PARA O XII CONSELHO NACIONAL DE JUC

Aracaju - 1963

1. A História como um Dom de Deus

Deus é um ser pessoal - Deus é amor

Modo de Deus amar: criando a "passividade" naqueles a quem ama

Modo da criatura amar: "a passividade ativa"

Um plano de amor na Eternidade fundamenta o tempo

A abertura para a história é uma abertura para Deus

A finalidade principal desta meditação é levar os militantes a uma experiência de Deus Pessoal e de Deus Caridade, na reflexão dos grandes temas da História. Além disso, é preciso fazê-los sentir que a vida é um compromisso com Deus e com a História.

2. "E disse Deus: faça-se..."

O início da Epifania do Logos na Criação

Deus se dá na Criação que é a manifestação de seu Logos

Porisso, a Criação, manifestação de Deus na plenitude dos seres, converge para uma Unidade

O homem, o privilegiado desta criação, tem a vocação, como consciência no cosmos, de completar esta obra criadora levando o universo à Unidade e à Comunicação:

- ... as coisas de quem é consciência
- ... os homens pela socialização e o amor
- ... em Deus - Cristo em todos, a volta para o seio de Deus

Os militantes devem se situar no Universo de Deus, e assim concentrar n'Ele o sentido das coisas, da história. E buscar a Unidade do Universo como uma volta para Deus pessoal.

3. "E pelo pecado a morte..."

A convergência para a Unidade na história deve ser realizada pelo homem que é livre

Liberdade - grandeza e risco da História do Homem

O pecado, abuso da liberdade, com sua força desagregadora, operou a ruptura da Criação e assim reteve o movimento de convergência para a Unidade. E a alienação na História

(Análise do quadro bíblico: ruptura com Deus, ruptura com o homem, ruptura com as coisas, ruptura consigo mesmo. A morte como expressão dessas rupturas)

É preciso sentir o pecado no seu sentido social e cósmico. Negação do homem na sua natureza e na sua vocação cósmica, social e portanto histórica. Os militantes devem sentir que a existência de conversão é uma resistência a todo o movimento da História e a toda Revolução.

4. A recondução da História. Início da Redenção

A revolução se faz na história e se faz como História

É uma manifestação mais explícita do Logos de Deus

É um Dom de Deus. Uma "Palavra" que é Logos de Deus se faz Norma da História

A palavra de convite restabelece a Unidade fundamental, a Unidade com Deus

Valorizar a iniciativa de Deus como convite à intimidade. O dialogar com Deus na oração. Atitude de Fé diante da "Palavra". Atitude de obediência diante da "Palavra" de Amor. A criatura ama na passividade ativa".

5. Formas que a "Palavra" toma na Recondução da História

Uma "Promessa" feita a Abraão - forma um "Povo de Deus" que vive na Fé e na Esperança

Uma "Aliança" feita com Moisés - forma uma "Assembléia", a Kahal Jahvoh, que vive na Lei (que deve conduzir a Cristo)

A experiência da Palavra comunicada para a recondução é uma convocação para a Unidade, e assim se transforma em Norma para o homem. Acentuar o caráter de convocação para a Unidade. Um Povo é portador do sentido da História enquanto: -

-se une na Fé e na Esperança em uma Promessa

-se entrega na Obediência à Lei que é Norma.

Os grandes polos de um sentido da História: - a aceitação de uma "Palavra" de amor, para uma unidade no amor.

6. A Palavra Profética

A Palavra Profética faz o julgamento da História

- aponta para a unidade (julga na unidade)

- aponta para Cristo (Centro de renovação universal na Unidade)

A Palavra Profética faz um Povo de Profetas, isto é, portador do sentido da Palavra e, portanto, da História

Porisso deve ser interiorizado e assimilada para formar o Povo Profeta

(Análise do quadro bíblico da vocação de Ezequiel e visão dos ossos áridos - a figura de João Batista)

O militando precisa compreender que para ser portador do sentido cristão da história é preciso ser portador da Palavra, não como um som que ecoa mas como Palavra forma de vida, assimilada e interiorizada. Isto deve ser aplicado imediatamente ao ardor revolucionário. A Profecia é também anúncio de uma convocação universal para a Unidade no amor.

7. "E o Logos se fez Carne..."

No termo do VT a Epifania definitiva do Logos

A Encarnação - realização definitiva da História como Dom de Deus

- o VERBO se faz presente

- integra-se em um universo de comunicação humano

- faz-se solitário

Verbo, Cristo Centro da História. Convergência para Ele

Cristo, Modelo como um "Universal Concreto"

Importância do fato Cristão. Um Universo de comunicação humana se faz num Universo de comunicação divina (São João - o que vimos e tocamos). Vinculação a Cristo para quem quer ter um sentido da História, uma consciência histórica em Plenitude. Necessidade de uma assimilação a Cristo no ver, julgar e agir.

8. Cristo realiza a Salvação na forma da Unidade

Dialética Cristo - Adão

Dispersão - Unidade

Ruptura - Restauração

Veio: atrair tudo a Si, recapitular todas as coisas, unir os dispersos, fazer um só rebanho, fazer um só homem novo e consumir na unidade - como Tu e Eu somos um só.

Refazer: a Criação

a Revolução

a História

A restauração da unidade: - com Deus (Pai nosso...)

- com os homens (a Caridade, os irmãos...)

- com o Universo (Tudo é vosso...)

- do homem consigo mesmo (ordem da Graça, vida nova)

A Salvação do homem é a concretização desta Unidade em um Corpo Místico

A Salvação é uma volta para a Unidade. A História é a criação de um universo humano-divino de comunicação e de circulação no amor. Sempre são atitudes interiores que fazem o cristão encontrar o sentido da História.

9. A Unidade do Homem reconciliação é a Igreja

O próprio nome corresponde à Kahal da Aliança. Convocação

Um novo Povo de Deus, os filhos de Abraão (Epístola aos Romanos) são os filhos da Promessa.

O Reino de Deus

A Igreja é Cristo. Por isso é um Povo Portador da Palavra em Pleni-
tude:

- o contacto salvífico com Cristo
- Presença de Cristo na Igreja: Bíblia, Sacramentos, Hierarquia, Comunidade

Prolongamento de Cristo

A Salvação se faz na Unidade. Esta Unidade é o Corpo Místico de Cristo. O militante tem que assimilar Cristo - conversão - para ao mesmo tempo ser assimilado a Ele - Corpo. Necessidade da Igreja - Comunicado. Consciência do Corpo Místico.

10. A existência original do Cristão

Ele prolonga Cristo - faz parte de uma comunidade de Salvação
Caráter absoluto da Salvação

Mas, a Salvação não nega a solicitude temporal

Uma comunidade que convoca todos os homens à Salvação

Por isso, Missionária: não como "cristandade" (inquisição, dominação), mas como "formato" - presença.

O cristão prolonga a Cristo enquanto mantém uma presença de Salvação no meio dos homens. Para tal, é preciso se identificar a Cristo na solicitude por todos os homens e pelo homem todo. A Salvação é algo que se faz presente, que se oferece, não que se impõe.

11. Existência original de Cristão

Uma comunidade dos "amigos de Cristo"

Presentes a Deus como Deus está presente a eles

Atitude teologal

Vida sacramental

Vida de oração

A amizade com Deus em Cristo. A essência da vida cristã. A amira-

de faz os cristãos semelhantes a Cristo. Os caminhos para esta intimidade e para esta semelhança.

12. Existência original do Cristão

Uma comunidade dos "amigos de Cristo"

Tão presentes uns aos outros quanto os membros entre si

Os amigos de Cristo são os Pobres

Presença social de Cristo que completa a presença Sacramental

Vida de equipe, correção fraterna. Respeito à variedade. Disponibilidade. O amor como critério das opções.

(Análise da pregação profética do tema dos Pobres Jahvoh e do Servo do Jahvoh que engloba todos os pontos).

A relação de Caridade, principalmente com os pobres, deve ser vivida para que se atinja o Cristo Social. A intimidade com Deus se completa na intimidade com os Pobres. A vida pessoal do jusista e vida coletiva no movimento deve ser uma vida de Pobres.

13. Consumados na Unidade

O Ideal absoluto da Unidade no seio da Trindade

"Que sejam Um como Tu e Eu, oh Pai"

A Parusia. Realização de todas as Coisas

A Salvação no tempo é dinâmica e perfectível. O seu termo é a Parusia

- a consumação da História

- da realidade terrestre para os novos céus e novas terras

- da História para a Trans-história

- a Continuidade descontínua

A Virtude da Esperança

A Parusia tem de ser desejável. A paciência nos fracassos e sofrimentos. A paciência no crescimento. A Parusia - fundamento da inteligibilidade sobrenatural da História.

dimensão internacional do movimento

I - o momento em que a JUC do Brasil passa a viver dentro de uma perspectiva de consciência histórica, é o mais adequado para a abertura à dimensão internacional do movimento.

se pretendemos viver, de fato, como seres históricos, conscientes de nossa condição de pessoas, precisamos participar da visão do mundo assumida pelo homem moderno, captando suas aspirações e necessidades. Precisamos participar da consciência histórica de nossa época.

- + a luta pela revolução brasileira não é isolada. insere-se num contexto latino americano e, mais ainda, num contexto de regiões sub-desenvolvidas e numa problemática mundial. suas causas e conseqüências estão vinculadas a problemas universais: terá repercussões além de nossas fronteiras; poderá caminhar ou não, de acordo com fatores externos, todos os homens estão em jogo.
- + a cultura, virtualmente universal, deve ser acessível a todos e, por todos elaborada.
- + a universalidade do cristianismo nos impede a superar os condicionamentos históricos, que não se restringem ao caso brasileiro, mas são, naturalmente, uma realidade mundial.

no caso específico de nossa militância, é necessário ter consciência da inserção do Brasil e da JUC num contexto continental e mundial, assumindo as consequentes responsabilidades. podemos acrescentar o fato importante da vocação internacional da JUC do Brasil que até mesmo sem o saber exporta suas experiências e reflexões. quais as conseqüências desta influência? têm sido benéficas para os demais movimentos? cabe à própria JUC descobrir os meios de tornar esta realidade sempre atual, e de encontrar os melhores caminhos de uma atuação neste sentido.

+ + + + +

II - sem esquecer que, antes de mais nada, o movimento é "um espírito e uma vida", como primeiro passo, cremos ser necessário conhecer um pouco de sua história e de sua organização em plano internacional.

falar de JEC internacional, é falar de movimento no meio secundário e universitário. a JECI parte do princípio de existência de

um meio estudantil, que não se limita à escola ou à universidade. for
ma um todo, pois há características comuns vinculando os estudantes de
nível médio e superior. não ignora, porém, certos aspectos próprios
de um e de outro. aspectos sociológicos e psicológicos. daí a existên-
cia, em plano nacional, de movimentos de JEC e JUC, como no Brasil.

os princípios da JEC internacional são definidos no texto
de "bases comuns" em 1954 em bruxelas. desde então, a JECI adotou a
seguinte organização:

- conselho mundial, formado por todos os movimentos e membros.
é o órgão supremo da JECI. reúne-se de 3 em 3 anos para de-
cidir a orientação do trabalho, tanto interno quanto exter-
no. (a JUC do Brasil é membro da JECI desde 1958)
- secretariado geral, que é, como o conselho mundial, o órgão
executivo e tem sede em Paris.
- secretariados regionais, que definem e coordenam, em acordo
com o conselho mundial, o trabalho em determinadas regiões.
estão em funcionamento os seguintes secretariados:
 - europeu
 - norte americano
 - africano
 - oriente próximo
 - latino americano (com sede no Rio de Janeiro)

movimentos nacionais

equipes diocesanas (equipes de direção)

equipes de base

+ + + + +

III o secretariado latino americano

o secretariado coordena os movimentos de JEC e JUC da Améri-
ca do Sul e América Central. funcionando no Rio de Janeiro, deve tra-
balhar em estreita colaboração com os movimentos brasileiros, dos
quais se origina a totalidade de seus membros ativos, desde seu esta-
belecimento definitivo em 58. Cosme Alves Neto foi o primeiro secreta-
rio, quando a coordenação era ainda sulamericana. em 61 Celso Mendes
Guimarães foi eleito secretário latino americano, no conselho mundial
da JECI na Alemanha. atualmente, o SLA conta com três membros: Inácio
de Sá Parente, Maria do Carmo Itapina e Jorge Segreto, este último da

JUC da Argentina, que, por motivos financeiros do secretariado, ainda não pode integrar a equipe.

as principais preocupações do SLA em 63 se referem à maior representatividade dos seus membros, diversificando os países de origem, e a expansão e afirmação do movimento na América Central.

em setembro de 62 realizou-se no Chile a 3ª. sessão de estudos latino americana, que teve como tema central: "o sentido de evolução, revolução e retrocesso da sociedade latino-americana, e o fenômeno estudantil". foi também estudado: problema do trabalho, numa perspectiva filosófica e teológica; ideologia e ideologias correntes na América Latina; sentido do movimento; dinamismo do método; instrumentos de atuação do movimento. esta sessão foi seguida de uma reunião do comitê regional (formado pelos movimentos da região membros de JECI e pelos movimentos colaboradores, estes apenas com direito de voz).

está planejado para julho de 63 outra reunião do comitê regional a realizar-se em Recife. participação, do Brasil, as equipes nacionais de JEC, JECF e JUC,

+ + + + + + + + +

dentro desta organização internacional, o elemento básico é o militante, quer seja ele de equipe de direção ou não. são as equipes de base que dão vida ao movimento, que delas depende para o seu crescimento. toda esta estrutura perde sentido e finalidade se não estiver a serviço de uma militância real no meio estudantil. a JECI é você.

E q u i p e N a c i o n a l d e J U C
Rua Miguel de Lemos, 97 - Rio de Janeiro - Guanabara